

**Evento:** XX Jornada de Extensão

## **VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA VISÃO PSICANALÍTICA<sup>1</sup>** **VIOLENCE AGAINST WOMEN: A PSYCHANALYTIC VIEW**

**Laís Cristine Jung<sup>2</sup>, Dalira Bernadete Mallmann Dezordi<sup>3</sup>, Patrícia Maiara Rambo<sup>4</sup>, Márcia Sackvil<sup>5</sup>, Taís Cervi<sup>6</sup>**

<sup>1</sup> Pesquisa realizada por acadêmicas do Curso de Psicologia da Unijuí

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia, laiscjung@hotmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia, dalira.dezordi@hotmail.com

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia, patricia\_rambo@live.com

<sup>5</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia, marcia-sackvil@bol.com.br

<sup>6</sup> Professora do curso de graduação em Psicologia da Unijuí

### **Introdução**

A violência contra a mulher hoje já não é mais um fenômeno desconhecido. Como sintoma social muito já se fala sobre o assunto, havendo também políticas públicas e órgãos governamentais que se preocupam com essa questão. Porém, pouco se aborda sobre quais são as motivações e as razões que fazem a mulher continuar nessa relação com o agressor. O objetivo deste trabalho foi analisar os aspectos subjetivos envolvidos nas relações amorosas em que as mulheres são agredidas por seu parceiro, teorizando principalmente a partir de Freud e Lacan sobre o amor. Além disso, examinando o estatuto do gozo como fundamento de uma parceria sintomática, que também indica uma posição masoquista feminina que sujeita-se corpo e psiquismo ao outro, para que se possa gozar como queira.

### **Metodologia**

O método utilizado para a realização dessa pesquisa foi a revisão bibliográfica de cunho qualitativo a partir de autores que abordam questões relacionadas à violência contra a mulher.

### **Resultados e Discussões**

Atualmente a violência contra a mulher tem aparecido em grande evidência em nossa sociedade a partir de casos de agressões, tentativas de homicídio e dentre outros.

A violência vivida pelas mulheres é, hoje, questão de saúde. Sua forma mais comum é aquela perpetrada por parceiros íntimos. Organizações internacionais (Organização Mundial da Saúde - OMS, Organização Panamericana da Saúde, Banco Mundial) e de profissionais de saúde (Associação Médica Americana) têm divulgado elevadas prevalências da violência por parceiros íntimos. (SCHRAIBER et al. S.p., 2007).

Os autores fazem o levantamento de alguns dados para analisar quais são os tipos de violência mais comuns e demonstram que:

**Evento:** XX Jornada de Extensão

Os dados populacionais existentes são de difícil comparabilidade, pois os estudos utilizam diversas populações, instrumentos, condições de privacidade, treinamento das entrevistadoras e técnicas de coleta de informações, além de definições heterogêneas de violência. A maioria dos estudos tem como objeto apenas a violência física, geralmente mensurada por atos concretos, como tapas, socos e empurrões. Em 48 pesquisas de base populacional realizadas no mundo, entre 10% e 69% das mulheres relataram ter sofrido ao menos algum episódio de violência física pelo parceiro durante a vida. O percentual de mulheres agredidas no ano anterior às entrevistas variou de 3% a 27%. As violências sexuais e psicológicas cometidas por parceiro íntimo têm sido pouco investigadas e as informações são ainda mais imprecisas. Vários fatores contribuem para que a violência sexual dentro de relações de parcerias estáveis seja de difícil reconhecimento e delimitação. Por exemplo, as diversas denominações dos atos de agressão, associado ao fato de prática sexual não consensual ser considerada em muitas culturas como dever da esposa (SCHRAIBER et al. 2007, p. 798-799, ).

No abuso sexual, como citado acima pelos autores, culturalmente por questões que já estão introjetadas na sociedade desde a antiguidade, os homens acham que é uma obrigação da mulher ter relações sexuais, e mesmo as mulheres acabam se submetendo a fazer coisas que não tem vontade por pensarem que é da obrigação da mulher. Na maioria dos casos a violência doméstica vem do parceiro, mas não necessariamente somente dele. Podem vir também de algum outro sujeito do âmbito familiar.

De acordo com Schraiber et al. (2007) a questão da agressão é uma questão cultural e que não necessariamente o que interpretamos que seja agressão em nossa região é considerada igualmente em outra região, estado ou país. Segundo as pesquisas realizadas pelos mesmos autores “a violência física é normalmente acompanhada pela psicológica; e de um terço à metade dos casos, também por violência sexual”(p.799, 2007).

#### *Por que a Mulher Violentada Permanece Nesta Relação?*

Apesar do intenso ativismo feminista, das políticas públicas de apoio legal, delegacias de atendimento à mulher (DEAM) e programas de atenção integral à saúde da mulher (PAISM), casas de abrigos à mulher, centros de referência e acima de tudo a proteção da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006.) (BRASIL, 2006), muitas mulheres permanecem com seu agressor, ao abrigo de sua proteção, numa relação conjugal. Mas, apesar dessa condição paradoxal e contraditória, o que levaria esta mulher agredida a sujeição da dependência e do convívio marital e conjugal com seu agressor?

Há fatores distintos e concepções diversas para explicar ou compreender as escolhas a que se submetem as agredidas, incorrendo quase sempre em reincidência de violência e muitas vezes em flagelo irremediável ou mesmo morte por feminicídio.

Pode-se articular com o conceito de masoquismo na psicanálise, considerando-se as subjetividades

**Evento:** XX Jornada de Extensão

inerentes. Freud (1924/1996) não descreve o masoquismo como algo da essência feminina, pois não restringiu o masoquismo às mulheres, mas a quem ocupa uma posição que culturalmente se relegou as mulheres. Com a esperança de melhorar o relacionamento com o parceiro, a credibilidade do “agora vai ser diferente”, permite-se uma nova tentativa de restabelecer a confiança no sonho romântico, que o amor supera tudo, e que afinal a vida a dois resume-se a sacrifícios e doações. Segundo Freud (1924/1996) trata-se de uma experiência de prazer, na dor, no sofrimento.

Cunha (2007) apresenta como resultado de seu estudo, a pressão familiar e instituições patriarcais que se manifestam de forma a promover a manutenção do casamento. Este se dá principalmente, por conta dos filhos, pois este seria o papel da mulher, o que é evidenciado no papel de gênero definido pelo patriarcado.

Outro aspecto apontado é a questão da dependência financeira que se alia à dependência emocional. Cunha (2007) se refere em seu estudo à necessidade de ter alguém, um companheiro ao seu lado. Segundo o estudo, a mulher agredida é aquela sem capacidade de agir, escolher, e que cede a chantagem por medo, sendo que muitas vezes, sequer sabe o motivo do medo. Evidencia-se a culpa, a vergonha, a raiva por si mesma, que sente, por sentir-se incapacitada de viver sozinha, como até mesmo a forma de proteger a relação.

Haddad (2009) apresenta em sua análise, que dentro do imaginário do amor romântico “ (...) o verdadeiro amor exige sacrifícios e renúncias...”(p.28). Algo do extremo do estado de estar amando, descrito por Freud (1921/2000) como estado de fascinação ou servidão. O que neste caso é aceito como legítimo pois considerando-se que é pelo amor. Birman (2006) destaca que “O sujeito oferece ao outro o seu corpo e o seu psiquismo para que se possa gozar como queira, desde que, em contrapartida, ele lhe ofereça proteção para o desamparo (...) pacto masoquista, realizado à custa de uma imensa humilhação da autoestima” (p.52).

A cada situação levanta-se uma interpelação do ponto de vista psíquico: o que mantém uma mulher em uma parceria relacional onde é vítima de violência?

Na tentativa de se elucidar as questões levantadas concernentes às posições tomadas pela vítima, suas emoções, e sua subjetividade, retorna-se novamente ao masoquismo (FREUD, 1905/1996), onde destaca o masoquismo como fator componente da sexualidade humana.

A violência, sem dúvida, desafia o campo social, cultural, de saúde pública, planejamento e principalmente relacional. Problema que requer atuação interdisciplinar de distintos setores. A violência está ligada às condições interpessoais, associadas às desigualdades de gênero. Aspectos amplos devem ser considerados e levados em conta na frequente e difícil realidade que envolve esta questão. A agressão à mulher e suas escolhas permanecem no questionamento universal que, se refletem nas consequências do cotidiano social, e nas relações sociais tão confusas e contraditórias, as quais exigem o envolvimento de diferentes instituições, para o suporte e auxílio, considerando as tão variadas classes sociais e estilos de vida.

#### *Políticas públicas referentes à prevenção e apoio às vítimas*

A lei federal que ampara a violência contra a mulher é a lei 11.340, de 7 de agosto de 2006, chamada Maria da Penha. De acordo com o primeiro artigo dessa lei, ela “cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (BRASIL, 2006). Antes dessa lei ser criada não existia uma lei que tratasse especificamente da violência sofrida pela mulher.

**Evento:** XX Jornada de Extensão

A denominação de Lei deriva da história da biofarmacêutica Maria da Penha Fernandes, que após duas tentativas de homicídio cometidas pelo então marido, tornou-se paraplégica. Segundo Athias (2001) após anos de luta por justiça e que seu ex-marido fosse punido, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, condenou o Brasil por negligência e omissão em relação à violência doméstica. Posteriormente esse caso serviria de base para a criação da lei.

A lei prevê que existam meios de prevenção e assistência posterior aos casos de violência. Sua criação torna-se um marco histórico na luta das mulheres, dando assim visibilidade a um problema social, culturalmente constituído ao longo dos anos.

### **Considerações Finais**

Mesmo que atualmente existam políticas públicas como a Maria da Penha, que visa enfrentar a violência contra a mulher, há muitas questões além da denúncia que pode ser feita. Nesse contexto, os conteúdos inconscientes podem se tornar relevantes para que o agressor seja ou não acusado pela vítima. Além disso, esses conteúdos perpassam toda vida e a constituição do psiquismo dessa mulher, podendo respaldar em assuntos infantis o que faz questão em sua vida adulta.

### **Referências Bibliográficas**

ATHIAS, G. FOLHA DE S. PAULO. Comissão responsabiliza país por impunidade em caso de marido que deixou mulher paraplégica, há 18 anos. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0605200109.htm>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Congresso Nacional, 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm). Acesso em: 04 jun. 2019.

BIRMAN, J. Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CUNHA, T.R.A. O Preço do Silêncio: Mulheres Ricas Também Sofrem Violência. Vitória da Conquista: UESB, 2007.

FREUD, S. O Problema econômico do masoquismo (1924). In: Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Sobre o Narcisismo: uma introdução (1914). In: Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HADDAD, G. Amor e Fidelidade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

SCHRAIBER, L.; D'OLIVEIRA, A.; JUNIOR, I.; DINIZ, S.; PORTELLA, A.P.; LUDERMIR, A.B.; VALENÇA, O.; COUTO, M.T. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. Rev. Saúde Pública vol.41 no.5 p. 797-807, São Paulo Oct.2007 Disponível em: <[https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0034-89102007000500014&sc\\_rpt=sciartte xt &tln g=pt](https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0034-89102007000500014&sc_rpt=sciartte%20xt%20&tln_g=pt)>. Acesso em 15 jun. 2019.

Bioeconomia:  
DIVERSIDADE E RIQUEZA PARA O  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

# SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUI 2019

21 a 24 de outubro de 2019

XXVII Seminário de Iniciação Científica  
XXIV Jornada de Pesquisa  
XX Jornada de Extensão  
IX Seminário de Inovação e Tecnologia

**Evento:** XX Jornada de Extensão